

# A construção do Brasil



**José Sarney,**  
ex-presidente da República,  
senador e integrante da  
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

A DATA DE HOJE, Dia da Independência, o Sete de Setembro, é o chamado tema impositivo.

Dizem ser uma tendência mundial o lento e gradual – como seria a fórmula Geisel para a democracia – declínio do sentimento de pátria, usurpado pela outra inexorável ascensão do universalismo, através da globalização cada dia mais presente.

A verdade é que o entusiasmo e o orgulho de pátria estão marchando para ser mais uma exaltação de torcidas esportivas do que a transcendência de um orgulho de nacionalidade, um dever de nascimento, uma identidade de alma e corpo. Essa transformação levou o patriotismo a refugiar-se nos escalões militares e nos velhos saudosis-

tas da minha geração.

Virou moda falar mal do país, realçar suas mazelas, fazer carreirismo na denúncia de suas injustiças. Desapareceram os movimentos cívicos. Baniram-se do cotidiano e das rotinas das escolas os símbolos, bandeiras e hinos. O Brasil perdeu suas utopias e não está construindo novas. As ideologias da internacionalização se encarregaram de acabá-las e as comunicações fizeram crescer a percepção de um mundo só, cultivador não do *mal du siècle* (19) mas de um desprezo a tudo que cheira a patriotismo, palavra tornada quase anacrônica. Mas temos tanto de que nos orgulhar do nosso país.

O Brasil é uma construção de um milagre civil. Ao contrário da

América espanhola, feita em batalhas e guerras, empunhamos as armas da criação de instituições, amarrando os cavalos na porta da Cadeia Velha, onde os nossos *founding fathers* discutiam três poderes, liberdade, habeas-corpus, imprensa, direitos civis, belos sonhos num reinado de poder absoluto.

A frente José Bonifácio, que passara 36 anos na Europa – não veio com dom João – que aqui chegou em 1819 com as idéias do iluminismo, organizando o novo país, com identidade própria, criado na miscigenação.

A Independência ocorreu num contexto de descolonização da América, a começar pela Guerra de Independência dos Estados Unidos.

O Sete de Setembro não é o Grito do Ipiranga nem dom Pedro I. É a grandeza do processo da construção do Brasil, obra civil e política, garantida a unidade pela espada dos militares.

Somos hoje um dos maiores países do mundo, sem problemas raciais, étnicos, de religião, de fronteira.

Como toda construção, resta-nos resolver os difíceis problemas da igualdade, quer no plano dos indivíduos quer no plano regional.

Na Independência faltou a coragem de abolir a escravidão e promover a integração dos índios.

Essa lacuna tornou-se em mancha inapagável que abafou o Grito do Ipiranga.